

3

Os possíveis e o impossível¹

É, com efeito, de um encontro, de um encontro essencial,
que se trata no que a psicanálise descobriu – de um encontro marcado,
ao qual somos sempre chamados, com um real que escapole.
J. Lacan²

Finalizamos nosso capítulo anterior com a noção de pulsão de morte. Com ela, chegamos a uma elaboração freudiana que coloca no rol dos conceitos psicanalíticos o que se dava a entrever desde os símiles e o aparelho de 1895 e que vez por outra comparecia nos escritos freudianos de forma enigmática.

Com este conceito, tentamos nos aproximar do que já estava em questão sob a forma de núcleo patogênico, que tomamos como uma espécie de centro paradoxal, posto que ao mesmo tempo em que organiza as cadeias, conforme a proximidade que dele se tenha, dá mostras de sua potência dispersiva e, por isso, traumática.

Neste capítulo, com Lacan, intentamos depreender, a partir da incidência do simbólico e da sintaxe que delineia os possíveis que se decalcam na cadeia significante, o que resta dela e retorna também sob forma de repetição. Para tanto, nos remeteremos aos comentários de Lacan acerca do conto *A carta roubada*, de Edgard Allan Poe.

3.1

Caminhando às cegas

Em uma conferência de 1968, intitulada “Da psicanálise em suas relações com a realidade”, Lacan indica a importância da associação livre, fazendo de tal

¹ Cabe ressaltar de partida o quanto não só este capítulo, mas principalmente ele, deve ao seminário ministrado por Marcus André Vieira na Escola Brasileira de Psicanálise nos anos de 2006 e 2007. Sem os desenvolvimentos que lá tiveram lugar, não teria sido possível situar da mesma maneira as conseqüências dos escritos e seminários de Lacan aos quais nos reportamos – referências, em grande parte, também de lá providas. Agradecemos aos participantes do seminário e de forma especial a Marcus André.

procedimento uma espécie de portador da resposta para a difícil questão: “o que faz com que uma psicanálise seja freudiana?” (Lacan, 2003, p. 350).

Lacan repertoria vários tipos de práticas às quais se poderia, em um primeiro momento, aparentar a associação livre.

Numa palavra, ela exclui os mundos que se abrem para uma mutação da consciência, para uma ascese do conhecimento, para uma efusão comunicativa. (Ibid, p. 351)

Afastando a associação livre destas outras práticas, Lacan dá algumas indicações que nos servirão de base. Primeiramente: “ela [a técnica] joga [...] com a não preparação.” (Loc. cit.); e ainda: “o que se espera da sessão é justamente aquilo que se recusa a esperar por medo de meter demais o dedo: a surpresa [...]” (Ibid., p. 352)³.

Em lugar de prática guiada pela concentração, uma “não preparação”. Ao invés de caminho que aponta a um ideal de saber ou de comunicação, ou ainda a uma vivência consciente de outra ordem, de outra realidade, a surpresa⁴.

É preciso, no entanto, situar de partida o paradoxo que se faz presente na prática da associação livre a partir de Freud e que também se mostra caro à Lacan. Como acompanhamos no primeiro capítulo, a mudança efetivada por Freud do método catártico ao da associação livre responde por mudanças de percurso importantes ao nosso tema no que diz respeito ao estatuto do que pode ser lembrado e articulado na cadeia e também do que não é articulado, mas que pode se presentificar por meio das associações – o que chamamos de fraturas do discurso, ponto ao qual, justamente, a cadeia associativa encontra uma espécie de maior proximidade com o núcleo patogênico, traumático e que põe em risco a articulação das redes significantes.

O convite para que o sujeito, frente a um analista, experimente sua fala sem o estabelecimento de orientações prévias o leva a experimentar um fato inusitado:

² Lacan, 1985b, p. 55-56.

³ O que inclusive está no cerne do termo com o qual Freud batiza a associação livre. Recorrendo ao *Dicionário comentado do alemão de Freud* de Luiz Hanns, há uma lista de significados ligados ao verbo *einfallen* e ao substantivo *Einfall*: desmoroamento, invasão, idéia súbita, incidência. “*Einfall* é palavra corriqueira em alemão e significa ‘idéia que ocorre’; por via de regra, evoca a imagem de algo que vem de fora e de forma súbita.” (Hanns, 1996, p. 270). Também sobre a associação livre, cf. Vieira, 2004.

⁴ Neste sentido, recordamos as iniciais observações de Freud quando ele nega ao inconsciente que inaugurou uma espécie de supra inteligência a parte da consciência; cf. nota 11 de nosso primeiro capítulo.

através da não preparação nos deparamos não com uma gama imensa e variada de questões, mas com a presença do mesmo aparecendo sob diferentes formas.

O exercício da associação livre demonstra a presença de alguns percursos da fala aos quais o sujeito sempre retorna. Isto evidencia sua determinação relacionada a certos pontos deste percurso. Tal determinação só pode ser explicada através da aposta fundamental da psicanálise, já situada em nosso capítulo anterior. Na tentativa de ir ao encontro das causas dos sintomas históricos, Freud se depara com relatos de lembranças. Com a hipnose e depois a escolha metodológica pela associação livre, o que dá relevo e fundamento a prática freudiana é a decisão de que “é justamente porque alguma coisa foi atada a alguma coisa semelhante à fala que o discurso pode desatá-la” (Lacan, 1999, p. 13).

Pouco a pouco, na fala do analisando, se destaca a perturbadora conclusão de que as associações, por mais fortuitas que possam parecer, acabam levando aos mesmos lugares. Jacques-Alain Miller assinala que, através deste movimento, “[...] o mesmo vai emergir a partir da produção do diverso” (Miller, 1999, p. 46). Pode-se encontrar, desta forma, uma espécie de *trilho de base*⁵.

Partimos então da premissa de que há muito menos liberdade na associação livre do que se poderia supor e que podemos tomá-la mais como um caminhar viciado, em círculos, que com uma fala que vague dentre recantos sempre inéditos. É nesse sentido que, por exemplo, podemos nos deter nesta passagem de Lacan acerca dos efeitos do significante:

Se o que Freud descobriu, e redescobre com um gume cada vez mais afiado, tem algum sentido, é que o deslocamento do significante determina os sujeitos em seus atos, seu destino, suas recusas, suas cegueiras, seu sucesso e sua sorte, não obstante seus dons inatos e sua posição social, sem levar em conta o caráter ou o sexo, e que por bem ou por mal seguirá o rumo do significante, como armas e bagagens, tudo aquilo que é da ordem do dado psicológico. (Lacan, 1998, p. 34)

Lacan indica acima que o que está em questão para o sujeito na experiência de uma análise concerne diretamente ao que ele intitula como rumo do

⁵ “[...] todo ser falante tem um caminho essencial, um caminho único que ele percorre enquanto continua ser falante, é o caminho da sua fala.” (Miller, 1999, p. 32-33)

significante⁶ e a extração das conseqüências que tal percurso impinge. O sujeito seria, de fato, efeito a se produzir a partir das marcas advindas deste percurso⁷.

3.2

O inconsciente estruturado como uma linguagem

Através do rigor dos escritos freudianos, o que Lacan encontra é a coerência da letra na concepção freudiana de inconsciente. Desta forma, importa menos supor um interesse de Freud pelo passado quando diz encontrar na fala da histórica reminiscências que a instauração da montagem do aparelho psíquico e das redes de significantes que formam essa espécie de estrutura⁸ que entrevimos no capítulo anterior com os símiles e o aparelho deslindado no *Projeto*. É desta maneira que Lacan formula uma de suas premissas mais fundamentais, a saber, a do inconsciente estruturado como uma linguagem. Vejamos alguns de seus desdobramentos que tocarão em pontos a serem aqui investigados.

Em “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, escrito extraído de uma conferência demandada e dirigida a estudantes de Letras em 1957, Lacan situa que o que garante essa montagem do significante em redes, que agora tomaremos como estrutura, “[...] está em ele ser articulado” (Lacan, 1998, p. 504). Para obter essa articulação e as junções e injunções que dela se depreendem, assim como os cortes que a marcam, é preciso que o significante seja reduzido até sua unidade mais ínfima (os fonemas), como também que ele sofra a regulação de leis que o determinam como a uma sintaxe.

Há uma conexão sincrônica que liga tais unidades mínimas e que se apresenta na escolha eventual de alguma palavra. O próprio ato falho, em que há o aparecimento de uma palavra ao invés de outra, nos dá notícia desse

⁶ Valendo-nos ainda de outra passagem do mesmo escrito: “nossos [...] [sujeitos] modelam seu próprio ser segundo o momento da cadeia significante que os está percorrendo” (Lacan, 1998, p. 33).

⁷ “Nesse sentido a repetição dos mesmos significantes precede o sujeito e faz da linguagem e da repetição dos mesmos significantes a própria condição do sujeito do inconsciente.” (Miller, 2005a, p. 165). Tomaremos sujeito do inconsciente mais como efeito do discurso que como senhor de sua fala, pois é no movimento do percurso da cadeia significante que aparece na fala um dizer sobre si que inscreve o circuito pulsional e o situa em relação ao Outro (Cf. Vieira, 2001, p. 45).

⁸ Esta noção nos é cara e voltaremos a ela ainda neste tópico.

funcionamento sincrônico⁹. E o que podemos tomar como aspecto mais diacrônico desta estrutura é descrito por Lacan através do que ele chama de “substrato topológico”, para o qual utiliza a expressão “cadeia significante”: “[...] anéis cujo colar se fecha no anel de um outro colar feito de anéis” (Lacan, 1998, p. 505)¹⁰. Podemos entrever a diacronia retomando uma das características de um dos símiles freudianos: a peculiaridade de que as lembranças surjam em ordem inversa, ou seja, da mais recente a mais antiga, o que instaura o que Lacan toma por um tempo retroativo, *nachträglich*. Para exemplificar este ponto, podemos recorrer a um fragmento trazido por Freud no *Projeto* (Freud, 1895b/1996, p. 406-410). Emma não conseguia entrar em lojas desacompanhada. Duas cenas são descritas pela paciente: na primeira que aparece em seu relato, Emma, aos 12 anos de idade, viu dois vendedores rindo após entrar em uma loja. Assustada, rapidamente sai e relata a Freud ter se sentido atraída por um deles. Freud continua suas investigações, dando ensejo a outras associações e a paciente relata mais uma cena. Nesta, aos oito anos de idade, ela esteve em uma confeitaria e o proprietário beliscou suas partes íntimas. Emma voltou lá mais uma vez. É a partir do relato da segunda cena, a do beliscão, que o alcance da primeira é dado. Entre ambas surge o que Freud nomeia como “vínculo associativo” que concede um certo enquadre ao aparecimento do sexual e da posição desejante de Emma – o que responde pela cessação de seu sintoma, que ocorre logo após o relato da segunda cena.

Como em uma frase em que é preciso esperar o desenrolar das palavras para que desponte seu sentido, no aspecto diacrônico envolvido na premissa de Lacan, o inconsciente estruturado como uma linguagem, uma certa montagem do significante concede um enquadre (também temporal) para o que aparece como

⁹ “Não há cadeia significante, com efeito, que não sustente, como que apenso na pontuação de cada uma de suas unidades, tudo o que se articula de contextos atestados na vertical, por assim dizer, desse ponto.” (Lacan, 1998, p. 507)

¹⁰ E ainda: “Muito bem, a nos atermos à carta de Fliess [carta 52], os *Wahrnehmungszeichen*, os traços de percepção, como funciona isso? Freud deduz de sua experiência a necessidade de separar absolutamente percepção e consciência – para que isso passe para a memória, é preciso primeiro que seja apagado na percepção, e reciprocamente. Ele nos designa agora um tempo em que esses *Wahrnehmungszeichen* devem ser constituídos na simultaneidade. O que é isto – se não é a sincronia significante? [...] Mas nós, nós podemos de imediato lhes dar, a esses *Wahrnehmungszeichen*, seu verdadeiro nome de *significante*. E nossa leitura se garante ainda de que Freud, quando retorna a esse lugar na *Traumdeutung*, designa ainda outras camadas, onde os traços se constituem dessa vez por analogias. Podemos reencontrar aí as funções de contraste e de semelhança tão essenciais na constituição da metáfora, que se introduz, esta, por uma diacronia.” (Lacan, 1985b, p. 48)

sem sentido – nesse caso, a volta de Emma a loja onde foi bolinada, a atração por um dos rapazes da loja e a conjugação disso com o sintoma de medo de entrar em lojas¹¹. A segunda cena relatada revela o que estava em jogo na primeira, isto é, menos um suposto trauma pelo fato de ser motivo de risos que o que do sexual aparece. A remissão e a associação de uma a outra esclarece o que se apresenta no sintoma: resumindo, de forma talvez exagerada, Emma e seu lugar no desejo do Outro.

Através do que aí se coloca em jogo, a saber, um sistema estruturado através de oposições de elementos reduzidos em sua forma mais simples (os fonemas), articulados através de uma sincronia (que joga com as oposições que nele se delineiam) e uma diacronia (supondo lugares que se colocam de forma sucessiva, formando um encadeamento), podemos entrever uma filiação de Lacan ao estruturalismo. Vamos nos ater a ele.

3.3

Breve referência ao estruturalismo

De forma geral, o estruturalismo permite um tratamento formal dos elementos a serem analisados, pois instaura uma leitura que visa às relações estabelecidas entre estes elementos a partir de um sistema a que estes estão concernidos. Assim, é possível desvincular a investigação de cada elemento como objeto de estudo em si, o que abre o campo das ciências sociais para o advento de alguns dos traços mais característicos da ciência moderna¹².

¹¹ Notemos a sutileza precisa na condução freudiana que marca a clínica psicanalítica. As intervenções de Freud não se dão no sentido de procurar um motivo para o sintoma de Emma, mas de uma certa espera para que este enquadre significante possa se dar, em que ela aparece menos como alvo de deboche que lidando com um desejo estranho, ligado ao núcleo traumático do qual vínhamos falando. Ao dar um lugar pra isso, e não um motivo de ordem racional, é que Freud pôde não só obter esse efeito terapêutico, mas descortinar algo que aponta para a posição de Emma nas cenas. Assim, importa menos a história das cenas que assinalar o efeito que sua aparição como desejante teve para a paciente, o que responde pela cessação de seu sintoma, pois “[...] uma psicanálise não é uma investigação científica imparcial, mas uma medida terapêutica. Sua essência não é provar nada, mas simplesmente alterar alguma coisa” (Freud, 1909/1996, p. 112).

¹² O que a ciência moderna inaugura é a possibilidade do tratamento formal de seus elementos que descarte a necessidade do conhecimento acerca de sua natureza. Assim há a crescente ruptura com um método pautado mais em essências que em relações tecidas em um determinado sistema. Uma passagem que exemplifica esta nova abordagem pode ser encontrada em Claude Lévi-Strauss, figura eminente da antropologia estrutural e referência regular de Lacan: “A sociologia tradicional se obstinou em explicar a origem do avunculado [as relações de parentesco de tios e sobrinhos], e

O estruturalismo ao qual Lacan se filia pressupõe essa relação entre elementos. No caso, entre significantes; no mínimo dois (Cf. Miller, 1989, p. 92). Isso instaura uma relação de elementos que não se pautam por sua essência, o que faz ressoar uma conseqüência fundamental do advento da ciência moderna no campo das ciências humanas.

Como vimos através da disposição diacrônica que perfaz uma sucessão que comporta lugares, este evidenciam a estrutura de cadeia fundada pelo estruturalismo, cadeia em que um elemento está sempre remetido a outro. O término de uma frase, e, conseqüentemente, seu sentido, dependerá sempre da relação entre as palavras que aí se apresentam. Além disso, o próprio ato de comunicação se estabelece nesse jogo em que a significação será ratificada pelo outro elemento que receberá a mensagem. A outra palavra que falta ao término da frase, do texto, da idéia e etc e o outro como receptor fundam a interrupção, uma descontinuidade em que outros ouvidos são chamados a assentir (ou não) sobre a significação da mensagem. Decorre daí um postulado inicial de Lacan no qual o Outro é o tesouro dos significantes (Lacan, 1998, p. 832-833). O outro receptor da mensagem nos leva a fundação de uma dissimetria em que é sua recepção que decidirá sobre o sentido da mensagem.

Miller assinala como a hipótese estrutural também deixa entrever os registros real, simbólico e imaginário, utilizados por Lacan desde o início de seu ensino. Cabe-nos aqui deixar assinalado esse ponto, sem, no entanto, poder dar o desenvolvimento necessário, dado o limite de nosso escopo. O simbólico apareceria articulado por apontar as leis presentes nas relações entre os elementos. Ele promove as diferenças e descontinuidades e forja os lugares. Ao esvaziar os elementos de atributos naturais, o simbólico os afasta da esfera das representações. Elas são produzidas a partir destes lugares e carregam, segundo Miller, o aspecto do mais ou menos, do confuso, e da inércia das imagens, o que remete à articulação imaginária aí presente. Já o real não se reduziria a mais um termo simbólico, mas é a presença do irreduzível que falta à cadeia e que não se apresenta nela como um elemento como qualquer outro.

nós nos desembaraçamos desta pesquisa tratando o irmão da mãe, não como um elemento extrínseco, mas como um dado imediato da estrutura familiar mais simples.” (Lévi-Strauss, 1975, p. 65)

Digamos que esse elemento de presença que falta estruturalmente na ordem simbólica, é o que se identificará, precisamente, com o real. (Miller, 1989, p. 96 – tradução livre)¹³

Podemos entrever esta estrutura em funcionamento ao acompanharmos os comentários de Lacan do conto “A carta roubada”, de Edgard Allan Poe. Tanto em seus *Escritos* quanto em seu segundo *Seminário* – textos que nos guiarão aqui –, Lacan indica o circuito estabelecido através de alguns lugares que determinam as duas cenas principais do conto (Lacan, 1998, p. 14 et. seq.). Para dar relevo a este comentário é preciso já de início assinalar a homofonia que o termo *carta* (*lettre*) guarda – em francês, *lettre* designa tanto *carta* como *letra*.

Articulada, a letra, como vimos, produz sentido, traça percurso. Entretanto, tomada como marca separada dos sentidos que engendra, como podemos entrever neste conto, ela vira mais marca que história, ponto de onde esta se desenrola.

Mas essa letra, como se há de tomá-la aqui? Muito simplesmente, ao pé da letra. Designamos por letra esse suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem. (Ibid., p. 498)

No conto, a carta é o que encarna, para cada personagem, sua própria determinação significativa. Grosso modo, trata-se de uma carta que chega à rainha às vistas de um ministro que está, junto ao rei, no aposento real. Se ela vier a público, nada será como antes. Entretanto, de seu texto nada sabemos, e isso é essencial, posto que menos importa seu conteúdo que os efeitos que ela, a cada passagem, provoca. Retomaremos em breve o conto.

3.4

Da determinação

Para demonstrar os efeitos da determinação significativa, Lacan demarca no conto duas cenas. Na primeira, o ministro substitui a carta da rainha por outra e toma-a para si; na segunda, é Dupin quem substitui a carta na casa do ministro, restituindo-a a polícia, que, mesmo depois de revirar toda a casa do ministro, falha em encontrá-la. Lacan aponta uma troca de lugares que ocorre com os

¹³ E Milner complementa: “[...] entendemos pelas três suposições: nada poderia ser imaginado, isto é, ser representado, a não ser por I, nada pode existir a não ser por R, nada pode se escrever a não ser por S.” (Milner, 2006, p. 8)

personagens. As funções desempenhadas por cada um encontram-se intimamente demarcadas pelo circuito que a carta compõe¹⁴. Um Poe bastante avisado não arrisca desfazer-se dos efeitos da carta, deixando, como já vimos, seu conteúdo como secundário. A carta é, pois, o que engendra os percalços do circuito, fazendo valer seu papel de letra – que tomaremos aqui como semelhante às marcas significantes.

Lacan assinala a precedência, a partir desta instauração, dos lugares em relação às qualidades. São eles e a combinatória que os preside que as produzem. Desta forma, situados em um determinado ponto em relação à carta, os personagens passam a um certo tipo de conduta diante dela que se liga menos a qualidades que lhes seriam inerentes do que por uma certa configuração que a situação impõe. O rei, por exemplo, está no lugar daquele que não pode ver. Ele arriscaria seu reinado caso reagisse à carta recebida pela rainha e trocada em sua presença. O lugar de onde saem os pronunciamentos que regulam a vida da nação não pode também ver, não ao menos sob o olhar de testemunha do ministro, os segredos que acometem a vida de sua esposa.

Não é a toa que Lacan valoriza o jogo do par ou ímpar que aparece no início deste conto e cuida em demonstrar longamente que concepção de jogo está aí embutida. Esta se mostra vinculada à ordem simbólica, própria condição de sustentação do jogo através do Outro como garantia da linguagem, e ao sujeito que a ciência moderna instaura¹⁵. A aproximação com a ordem simbólica se dá

¹⁴ Miller destaca o que já havia sido ressaltado por Lacan neste texto: uma das primeiras operações presentes na análise é justamente a de discernir alguns pontos fixos ocupados por “personagens” que, de certa forma, se revezam, tornando-se uma espécie de variável. Miller explora essa primeira operação tomando de empréstimo a fórmula de uma função proposicional: $f(x)$. A análise, em um primeiro momento, visaria depurar a que função, a que constante, estão reportadas as variáveis em jogo, ou seja, “[...] captar o f em relação ao qual existem as variáveis” (Miller, 1999, p. 48). O que se apresenta nessa depuração, que Miller chama de pontos fixos, está intimamente ligado aos significantes que demarcam o caminho do sujeito.

¹⁵ Da qual se depreenderá o sujeito sem qualidades prévias, mas efeito fugaz de uma disjunção que lhe é constitutiva entre saber e verdade e que Lacan localiza no *cogito* cartesiano. No escrito “A ciência e a verdade”, Lacan assinala o papel essencial do sujeito instaurado pela ciência moderna a partir do qual a psicanálise pôde ser inaugurada e com que ela lida, posto que nascido de um manejo específico com a linguagem: “[...] sujeito estritamente reduzido à fórmula de uma matriz de combinações significantes” (Lacan, 1998, p. 874). E ainda, no *Seminário 11*: “Não digo que Freud introduz o sujeito no mundo – o sujeito como distinto da função psíquica, a qual é um mito, uma nebulosa confusa – pois é Descartes quem o faz. Mas direi que Freud se dirige ao sujeito para lhe dizer o seguinte, que é novo – Aqui, no campo do sonho, estás em casa. *Wo es war, soll Ich werden*. [...] Lá onde estava, o *Ich* – o sujeito, não a psicologia – o sujeito deve advir.” (Lacan, 1985b, p. 47-48 – grifos do original). Para este ponto também, cf. Milner, 1996, p. 28-36.

pelo fato de destacar um funcionamento para além das intenções dos jogadores que coloca em questão a própria estrutura da linguagem tal como evocada pela ciência moderna, de onde se depreende o sujeito com o qual a psicanálise lida.

O sujeito, na medida em que fala, pode encontrar inteiramente sua resposta, seu retorno, seu segredo, seu mistério, no símbolo construído que as máquinas modernas representam para nós [...] (Lacan, 1985a, p. 235)

Em uma conferência incluída no *Seminário 2*, Lacan demonstra a partir da conversão da ciência dos símbolos à combinatória o caminho seguido de uma ciência feita de símbolos àquela que se detém em seus lugares. Com o tratado de Pascal, datado de 1654 – em que, segundo Lacan, este assinala o interesse pelo que pode aparecer na interrupção de lances de uma partida –, a tentativa é a de indicar o nascimento da probabilidade, correlato ao das ciências exatas, que se encontra marcado pela articulação da ausência e da presença, instaurando a ordem binária, que constitui uma espécie de sintaxe essencial à ciência moderna¹⁶. É a esta ordem binária que Lacan dá relevo em seu comentário sobre o jogo do par ou ímpar e que o leva a extrair conseqüências de outro jogo que veremos aqui em detalhe, o dos “+” e “-”.

Frente a tais repercussões da marca da letra na vida dos sujeitos, como poderia o analista salvaguardar o lugar do acaso? Se colocarmos em xeque a liberdade da associação livre e partirmos do pressuposto de que o que ela demonstra é a existência de pontos que físgam o sujeito e que delineiam marcas de orientação de sua vida, como situar a surpresa da qual Lacan nos falava? Para avançarmos nas próprias coordenadas do paradoxo, recorreremos a uma referência constante de Lacan sobre o tema da surpresa, para depois tentar ressitua-lo a partir da junção entre símbolo e lei, como explorada no *Seminário 2*.

¹⁶ “[...] o que as ciências exatas fazem não é outra coisa senão ligar o real com uma sintaxe” (Cf. Lacan, 1985a, 380 et. seq.)

3.5

Surpresa e saber

Antes de nos determos no paradoxo trazido por Lacan, o cruzamento da surpresa com a determinação como produção da associação livre, é preciso que levemos em conta sua referência a Theodor Reik no que diz respeito à surpresa.

Nos tempos de Theodor Reik, esse autor poderia dar a surpresa (*uberreichung*) o sinal, a iluminação, o brilho que, no analista designa que ele apreende o inconsciente, que algo se revela que é dessa ordem da experiência subjetiva, daquilo que ocorre repentinamente e por outra parte [...]. Isso é o *uberreichung*. É sobre esse caminho, sobre esse traçado, que ele sabe tudo, ou ao menos que está em seu próprio caminho. (Lacan, 1964/1965, lição de 06 de janeiro de 1965 – tradução livre)

Reik assinala a importância do elemento de descontinuidade decorrente, no processo analítico, de algo que aparece com a força da surpresa. É nesse sentido que Lacan o evoca como interlocutor. O encontro com o material recalado durante a prática da associação livre provocaria tal efeito. O responsável pelo encontro seria, de certa forma, o analista, que aguardaria o que Reik denomina de “espera inconsciente”. A introdução por parte do analista de um saber de ordem inconsciente viria ao encontro dessa espera, culminando em um efeito surpreendente ao paciente. Ao analista caberia, portanto, o papel de tradutor de uma verdade de certa forma já presente no inconsciente, mas à espera de uma interpretação precisa (Cf. Santiago, 2003, p. 21). Haveria aí então uma cumplicidade entre verdade e saber.

Apesar de levar em conta a merecida valorização de Reik por Lacan, o aproximaremos da concepção segundo a qual o material recalado estaria à espera de uma descoberta. Assim, a análise serviria para levantar o véu do recalque que o recobria até então. Tal aproximação, feita de modo um tanto caricatural, talvez tenha como único valor momentâneo o fato de forçar uma divisão possível entre duas posições.

Nesse sentido, a posição de Lacan nos afastaria da possibilidade de ficarmos seduzidos em apagar a dimensão da contingência, fazendo do encontro entre saber e verdade algo sem restos. Lacan faz notar que neste encontro há também um

desencontro essencial, um encontro com algo de não-realizado¹⁷ que, se se aproxima do saber, só poderá ser colocado na perspectiva de um saber sem conhecimento¹⁸.

Isso que retorna e se apresenta como resto de um encontro que não se encaixa receberá alguns nomes para Lacan. Aquele que nos é principal aqui é o tema de nossa própria empreitada: a repetição.

3.6

Descoberta *versus* produção

Anteriormente distinguimos uma referência de Lacan ao tema da surpresa com relação a sua própria posição. Em relação a este ponto, Freud nos relata que:

[...] acontece com extraordinária freqüência ser “recordado” algo que nunca poderia ter sido “esquecido”, porque nunca foi, em ocasião alguma, notado – nunca foi consciente. [...] A convicção que o paciente alcança no decurso de sua análise é inteiramente independente deste tipo de lembrança. (Freud, 1914/1996, p. 164)

Qual o estatuto disso que, ao mesmo tempo em que parece habitar um tempo quase perdido na memória do sujeito, surge com convicção que independe de provas históricas que o confirmem?

Lacan retoma esta pergunta freudiana ao apontar a dimensão da produção na decorrer da análise – o que mais uma vez afasta a noção de algo prévio a ser meramente descoberto.

Tropeço, desfalecimento, rachadura. Numa frase pronunciada, escrita, alguma coisa se estatela. Freud fica siderado por esses fenômenos e é neles que vai procurar o inconsciente. Ali, alguma outra coisa quer se realizar – algo que aparece como intencional, certamente, mas de uma estranha temporalidade. O que se produz nesta hiância, no sentido pleno do termo *produzir-se*, se apresenta como *um achado*. É assim, de começo, que a exploração freudiana encontra o que se passa no inconsciente. [...] Ora, esse achado, uma vez que ele se apresenta, é um

¹⁷ Lacan, de fato, se utiliza de uma ampla gama de expressões para falar dessa dimensão de “desconcerto” com a qual o sujeito tem a chance de encontrar em uma análise. Fiquemos com algumas coletadas em apenas uma das lições que compõem o *Seminário 11*: não-realizado, não-nascido, zona de larvas, tropeço, desfalecimento, rachadura, centro incógnito, umbigo dos sonhos, descontinuidade, vacilação (Lacan, 1985b, p. 28 et. seq.).

¹⁸ Cf. Lacan, 1967/1968, lição de 17 de janeiro de 1968. Mais uma vez, o ponto cartesiano do *cogito* nos interessa de perto: no momento pontual em que Descartes situa um sujeito cuja única certeza é de que pensa, podemos aparentar esta certeza ao saber sem conhecimento. Instante em que não há garantias de Deus ou do mundo que não a própria existência pelo ato do pensamento, ele nos aproxima do que podemos apreender desse instante fugidio que Lacan chama de não-realizado. Voltaremos a este ponto do encontro com algo da ordem do não-realizado mais ao final deste capítulo.

reachado, e mais ainda, sempre está prestes a escapar de novo, instaurando a dimensão da perda. (Lacan, 1985b, p. 30 – grifos do original)

Lacan se situa, desta forma, próximo à perplexidade testemunhada por Freud diante da descoberta de que muitas vezes o que aparecia durante uma sessão com efeito de verdade era relatado pelo paciente como se já tivesse sido pensado antes, apesar de de fato aparecer também para o próprio como inédito.

Assim, a surpresa na psicanálise de um lado se apresenta com a perspectiva de um achado, um achado de algo que já estava, pois o completamente inapreensível, assim como o puramente aleatório, não teria efeito algum sobre o sujeito¹⁹ – ponto que aqui deixamos assinalado ao qual voltaremos na metade final deste capítulo. De outro lado, ela está ligada a uma temporalidade que se apresenta a Freud, a do *a posteriori*, e da qual ele já nos fala nos símiles de 1895 – como vimos acima e exemplificamos com o fragmento de Emma. A escansão pela via do simbólico é capaz de instaurar uma sucessão feita de cortes em que se coloca um antes e um depois.

É preciso então operacionalizar a noção do que seria a repetição de algo que não está, mas que passa a se apresentar como se sempre tivesse sido. A hipótese é a de que é justamente o cruzamento das marcações significantes com elementos que aparecem de forma aleatória pode resultar em uma produção que circunscreve o que pôde em tal ponto aparecer. Assim, a lembrança ao mesmo tempo em que não pode ser uma qualquer (posto que é preciso que conte com alguma articulação com a cadeia de associações do sujeito), de certa forma independe de uma espécie de selo de autenticidade que seria conferida pela história. Ela é, então, mais fruto da produção de um cruzamento do real com a estrutura que referente à concretude de fatos de uma história. E Lacan não deixa de assinalar que o que vem a se depositar como resultado desse cruzamento altera

¹⁹ Podemos tomar como referência paralela o aparecimento de algo da ordem do estranho. Freud passa longo tempo na introdução de seu escrito sobre o tema na tentativa de demonstrar que o puramente aleatório, o acaso que não despertasse no sujeito nada de já conhecido, não surtiria efeito algum: “De início, abrem-se-nos dois rumos. Podemos descobrir que significado veio a ligar-se à palavra ‘estranho’ no decorrer da sua história; ou podemos reunir todas aquelas propriedades de pessoas, coisas, impressões sensórias, experiências e situações que despertam em nós o sentimento de estranheza, e inferir, então, a natureza desconhecida do estranho a partir de tudo o que esses exemplos têm em comum. Direi, de imediato, que ambos os rumos conduzem ao mesmo resultado: o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar.” (Freud, 1919/1996, p. 238)

não apenas o que sucederá, mas também o que já ocorreu (Cf. Lacan, 1985a, p. 234-235).

Não se trata, segundo as balizas da psicanálise, que o sujeito fale de outra coisa que não de sua narrativa histórica. Entretanto, por esta via, a aposta de Lacan é a de que tal narrativa possa situar o que “o sujeito viveu como historicizado” (Id., 2003, p. 144). Vê-se, portanto, que algo se interpõe à história, organizando-a conforme ditames estruturais²⁰.

A fim de situar como dentre os significantes tem lugar a aparição de algo que responde por esse efeito de surpresa, passemos aos comentários que Lacan empreende a partir de um jogo. Nele se pode entrever com maior clareza como se dá o funcionamento do simbólico e o aparecimento daquilo “[...] pelo que o sujeito se sente ultrapassado, pelo que ele acaba achando ao mesmo tempo mais e menos do que esperava” (Lacan, 1985b, p. 30).

3.7

Do acaso à lei

Podemos recorrer aos esquemas através dos quais Lacan aborda o conto “A carta roubada” de Poe tanto no escrito intitulado “Seminário sobre ‘A carta roubada’”, como no *Seminário 2*. Em ambos, Lacan faz uso do jogo do par ou ímpar, utilizando-o como uma espécie de metáfora da estrutura²¹.

Já nesse momento, Lacan se detém na questão de como uma série aleatória pode, ao mesmo tempo, comportar leis e se apresentar como determinada, o que é intrínseco ao nosso paradoxo. A esta série aleatória Lacan imputa duas marcações, “+” e “-”. Para ressaltar já a incidência do simbólico neste ponto, cabe-nos relembrar brevemente o momento mítico do grito que Freud assinala em seu

²⁰ Nesse sentido, Lacan em seu segundo *Seminário* faz uma distinção entre *memória* e *rememoração*: “Não se deve confundir a *história* onde o sujeito inconsciente se inscreve com sua *memória* – vocábulo do qual não serei o primeiro a fazer-lhes notar o emprego confuso. Pelo contrário, no ponto em que estamos, convém que operemos uma demarcação muito nítida entre a *memória* e a *rememoração*, que é da ordem da história. [...] Não há, em todo caso, nenhuma razão para identificar esta memória, propriedade definível da substância viva, com a rememoração, agrupamento e sucessão de acontecimentos simbolicamente definidos, puro símbolo a engendrar por sua vez uma sucessão.” (Lacan, 1985a, p. 234 – grifos do original).

²¹ Lacan é explícito na construção dessa abordagem: “O programa que se traça para nós, portanto, é saber como uma linguagem formal determina o sujeito. Mas o interesse de tal programa não é simples, já que supõe que um sujeito só o cumprirá colocando algo de si.” (Lacan, 1998, p. 47)

Projeto. É através daquela experiência suposta que haverá alternância entre duas marcações distintas.

Lacan introduz a série de diferentes formas. Ele recorre, por exemplo, ao aspecto simbólico envolvido no *fort-da*, fazendo notar que Freud aí tem a chance de vislumbrar a incidência da ordem simbólica a partir do desaparecimento e reaparecimento do carretel, o objeto da brincadeira. A modulação de sílabas distintas traz marcas que, a princípio, instauram uma pura diferença pois não carregam nenhum sentido em si; ele surge como produto de sua articulação²².

[...] esse jogo manifesta em seus traços radicais a determinação que o animal humano recebe da ordem simbólica. O homem literalmente dedica seu tempo a desdobrar a alternativa estrutural em que a presença e a ausência retiram uma da outra sua convocação. (Lacan, 1998, p. 51)

Lacan parte do que também nomeia como *aposta primitiva*: “tudo se resume no *to be or not to be*, na escolha entre o que vai ou não sair, no par primordial do mais e do menos.” (Id., 1985a, p. 242). Assim, ele lança mão de uma polaridade básica constituída pelos sinais de “+” e “-”, “[...] de uma série em que está em jogo unicamente a alternativa fundamental da presença e da ausência” (Op. cit., p. 51) a fim de evidenciar de que modo as leis simbólicas podem se fazer presentes numa seqüência escolhida ao acaso. Está presente a articulação de três elementos: os sinais de “+” e de “-” e a própria estrutura que sustenta o jogo e determina o que se pode chamar de ganho ou perda. Lacan ressalta em uma conferência de 1953 que

Para que uma relação assuma seu valor simbólico é preciso haver a mediação de um terceiro personagem que realize, em relação ao sujeito, o elemento transcendente graças ao qual sua relação com o objeto pode ser sustentada a certa distância. (Id., 2005, p. 33)

O terceiro elemento é a própria mediação da ordem simbólica que dá esteio ao jogo. É ele que dá lugar ao jogo, já que funda as escansões pelas quais podem aparecer as jogadas, fornece a grade de leitura dos elementos em questão, sustenta as regras pelas quais o jogo procede e a faz valer para os jogadores.

Abaixo segue uma série constituída de “+” e de “-”, aleatoriamente:

²² A incidência da ordem simbólica já está em questão. Ela se coloca antes da constituição do *fort-da* como marca e é através do *Projeto* de 1895 que Lacan indica estarmos na presença de um aparelho que se regula através do significante: “O *Fort* só pode expressar-se na alternância a partir

- + + + + - - - + - - + - + - + - + - + - - - - + + - + - -

Lacan então determina notações que seguem o aparecimento dos elementos da seguinte forma: para o aparecimento de três sinais seguidos – que ele indica serem simétricos em termos de constância de símbolos (ou seja, há a repetição dos mesmos símbolos) em termos de par e ímpar (+ + +) ou (- - -) o número 1; para o aparecimento de dois sinais semelhantes consecutivos cuja simetria é quebrada pelo aparecimento do ímpar (+ - -, - + +, + + - e - - +), fica-se com a notação 2; e, no caso do aparecimento de sinais intercalados (simetria na alternância): (+ - +, - + -) trata-se da notação 3.

Podemos notar que tanto a série dos “+” e “-” é aleatória quanto os números que estabelecem as notações. A combinação da série dos “+” e “-” junto as notações produz uma série em que aparece o que Lacan determina como possíveis e impossíveis. Este é o resultado do cruzamento.

Segundo o procedimento que Lacan delinea, a saber, o de aplicar para cada combinação uma seqüência com suas notações, passamos a ter essa outra série:

- + + + + - - - + - - + - + - + - + - + - - - - + + - + - -
2 1 1 2 2 1 2 3 2 2 3 3 3 3 3 3 3 3 2 1 1 2 2 2 3 3 2 2

Vejamos o que estamos chamando de delimitação de possíveis e impossíveis: depois de uma seqüência de 3 que tenha começado pelo sinal de “+” não há como colocar uma seqüência de 2 começada pelo sinal de “-”. Uma tríade de “-” (notação 1) só poderá ser precedida das combinações de notação 2 (+ - - e + + -) e da combinação de notação 3 (- + -).

De acordo com a possibilidade de combinações, tal termo poderá ou não aparecer. Então, é como se uma série de notação 2 se *lembresse* que não poderá suceder-se a si mesma (Lacan, 1998, p. 53). O que Lacan chama de “memória interna ao símbolo” (Cf. Id, 1985a, p. 244) é fruto das articulações dos elementos

de uma sincronia fundamental. É a partir dessa sincronia que algo se organiza, algo que o simples jogo do *Fort* e do *Da* não bastaria para constituir.” (Cf. Lacan, 1988, p. 85 et. seq.)

da primeira com a segunda série, que passam a depender de uma lei para se combinarem entre si, isto é, do aleatório combinado a uma série convencionalizada que passa a determiná-lo. Sobre os elementos aleatórios surge, em articulação às notações, uma determinação que faz valer regras para a junção dos “+” e “-”. Lacan dá relevo ao que aparece como uma conjunção entre estes elementos antes aleatórios e indica o surgimento da lei²³.

Dando continuidade a construção do funcionamento das séries, Lacan tece o seguinte desenvolvimento para a terceira série. A conjunção de uma simetria com outra, obtida pelos pares [(1) – (1)], [(3) - (3)], [(1) - (3)], [(3) - (1)] ganha a notação α . Já a de uma dissimetria com outra, obtida unicamente em [(2) - (2)] recebe a notação β . As conjunções cruzadas ficam desta forma: simetria com dissimetria [(1) - (2)], [(3) - (2)] são marcadas com γ e a junção de uma dissimetria com uma simetria fica com a notação δ (Cf. Lacan, 1998, p. 53).

Lacan indica que mesmo que esta segunda notação restabeleça a igualdade de chances combinatórias entre os quatro símbolos, e que eles podem suceder-se livremente entre si, quando se vai determinar em termos de tempo (isto é, a sucessão de lugares em que eles surgem²⁴) suas probabilidades de aparecimento estão, por exemplo, submetidas ao que ele chama de “lei de exclusão”²⁵. Isto é, no terceiro tempo “[...] a partir de um α ou de um δ só se pode obter um α ou um β , e que a partir de um β ou de um γ só se pode obter um γ ou um δ ” (Ibid., p. 54). Desta forma, Lacan demonstra a passagem de uma série não determinada, feita ao acaso, à outra, sua dependente, que, por sua vez, é regulada por leis.

Qualquer coisa de real sempre pode sair. Porém, uma vez constituída a cadeia simbólica, a partir do momento em que vocês introduzem, sob forma de unidades

²³ E ainda, no *Seminário 4*: “O símbolo, na medida em que é mais, supõe o menos. O símbolo, na medida em que é menos, supõe o mais. [...] é na medida em que o símbolo encerra essa ambigüidade que surge o que chamo a lei.” (Lacan, 1995, p. 240)

²⁴ Interessante notar uma observação de Lacan quando ele, ainda neste texto, tece seus comentários sobre o conto de Poe. Tomando as cenas de acordo com os lugares que ocupam seus personagens e que determinam suas ações, Lacan também depreende dessas ações um desdobramento temporal, assinalando uma referência a seu escrito “O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada”, publicado nos *Escritos* (Lacan, 1998): “A partir daí [do roubo da carta endereçada a Rainha pelo Ministro] tudo se desenrola como um relógio” (p. 15); e ainda “Três tempos, portanto, ordenando três olhares, sustentados por três sujeitos, alternadamente encarnados por pessoas diferentes.” (p. 17).

²⁵ Lacan retoma de outra forma esta conclusão em seu quarto *Seminário*: “[...] o mínimo surgimento da grafia faz surgir ao mesmo tempo a ortografia, isto é, o possível controle de um erro. É por isso que se constrói este exemplo. Ele demonstra a vocês que, desde o surgimento mais elementar do significante, surge a lei [...]”. (Lacan, 1995, p. 243)

de sucessão, determinada unidade significativa, não pode mais sair qualquer coisa. (Id., 1985a, p. 243)

Lacan faz desse um esquema de leitura para o que está em questão na cadeia significante apontada por Freud em seus símiles. Tais cadeias se organizam de acordo com uma sintaxe sustentada pela ordem simbólica que deixa entrever nela as conjunções possíveis e impossíveis. Esta ordenação não deixa de fazer valer também a articulação ao núcleo traumático. É de acordo com a sucessão aí empreendida que as fraturas do discurso aparecerão em determinados pontos e não de forma aleatória.

3.8

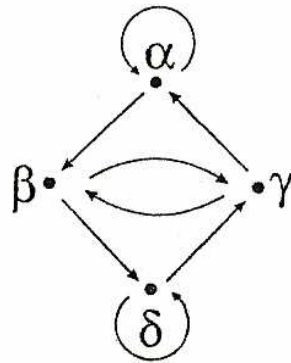
Os possíveis e impossíveis da estrutura

A fim de destacar as possibilidades das leis que se desenham a partir das notações adotadas por Lacan, Miller retoma o mesmo procedimento estabelecido por ele, o de desenhar em um grafo as possibilidades que as leis delineiam. Para tanto, ele retoma de maneira simplificada o esquema de Lacan²⁶, marcando as notações da seguinte forma:

++ α
 +- β
 -+ γ
 -- δ

O grafo abaixo ressalta todas as possibilidades em termos de combinação que podem ser constituídas a partir destas notações. Ele demonstra as seqüências autorizadas e que necessariamente se darão.

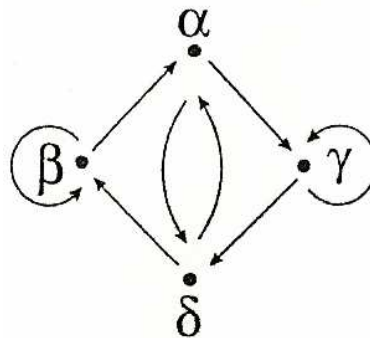
²⁶ Trata-se do esquema que consta no final do escrito de Lacan sobre o conto de Poe, cf. Lacan, 1998, p. 61-62. Ficaremos com a versão de Miller no sentido de assinalar o que nos parece essencial ao nosso percurso.



Temos então a possibilidade de que α se repita indefinidamente. A ele, pode suceder apenas β , começado pelo mesmo sinal que finaliza α . β não se repete, só pode ser seguido por γ ou δ . δ por sua vez precede apenas γ , e este pode aparecer antes de α .

O que era até então puramente aleatório, depois dessa aplicação, passa a comportar leis de funcionamento e ganha impossíveis. Assim, a montagem demonstra como o cruzamento dessa estrutura de notações com o que aparece de forma desordenada estabelece uma seqüência que comporta possibilidades e impossibilidades²⁷.

Abaixo se encontra o grafo que desenha as combinações impossíveis:



Algumas combinações não podem ocorrer. Com a interposição destas notações, há uma sintaxe que passa a determinar as escritas possíveis e impossíveis, combinações que necessitam de um termo entre elas para que

²⁷ O que Miller assinala como “[...] a emergência do impossível a partir do acaso” (Miller, 1998, p. 64).

ocorram. Por exemplo, entre α e δ é preciso que haja um β . Essas escritas impossíveis se colocam à rede significante e são contornadas²⁸.

O que Lacan salienta com esse esquema é a ordenação de uma certa escrita que a dimensão do símbolo inscreve. Como dissemos acima, a estrutura que Lacan delinea é a de uma ordem onde os elementos são articuláveis. Eles, porém, não deixam de demonstrar a presença do que lhes é heteróclito. Na sincronia, ou seja, no eixo da escolha do elemento que ocupará determinado lugar da cadeia, o elemento que se coloca como possível não extirpa o que se coloca como impossível. O que aparece sob forma de impossível não é propriamente mais um elemento, mas uma espécie de zona de sombra, zona do que restou da incidência de uma ordenação sobre a série antes aleatória.

A escrita possível demarca o que é impossível, que não deixa de se apresentar conforme outro estatuto. Nesse sentido, podemos recorrer ao que já entrevemos antes como não-realizado, como indica Lacan no *Seminário 11*.

Essa dimensão do não-realizado não aparece na série oficial pois “[...] é na medida em que o símbolo encerra essa ambigüidade que surge o que chamo a lei”²⁹ – ambigüidade que se coloca antes da conjunção da série aleatória com a estrutura, isto é, a das notações. E um dos primeiros nomes pelos quais Lacan nomeia o que não cabe na série determinada pela lei, mas que ao mesmo tempo nela se apresenta é o *caput mortuum*, o significante impossível (Lacan, 1995, p. 241).

[...] Lacan chama de *caput mortuum* do significante, isto é, sua cabeça de morto, sua caveira, o osso dessa máquina significante, o resíduo impossível do funcionamento da repetição. É como se o grafo inverso escrevesse aquilo que evita sempre a repetição, como se aquilo que se repetisse, de mais importante, fosse a evitação. (Miller, 1998, p. 65)

²⁸ Poderíamos dizer, por exemplo, que elas são contornadas através dos mecanismos de deslocamento e condensação que Freud aponta na *Interpretação dos sonhos* – Lacan irá retomá-los através das figuras de linguagem metonímia e metáfora, respectivamente. Há um grande número de análises freudianas tanto dos sonhos quanto dos atos falhos em que o que aparece de forma figurada ou como erro é uma espécie de produto da cadeia associativa entre o que era possível de se dizer (ou seja, que não ofereceria risco à coesão egóica) e o que aparecia como impossível. É o que Lacan chama de formação do inconsciente.

²⁹ Não se trata de uma ordem que tenha a ver com algo moral, mas do ordenamento da escrita do símbolo. É a inscrição desta ordem que constitui a experiência humana. Na confusão das vivências, como se daria o corte entre passado, presente e futuro senão de acordo com a ordem simbólica? “[...] o significante é realmente organizador de algo inerente à memória humana.” (Lacan, 1995, p. 241) O que Lacan delimita como escrita impossível é o ponto cego que não está isento da estrutura, mas que aparece nela de acordo com outro estatuto.

Com este esquema de Lacan nossa tentativa foi a de demonstrar, de um lado, o surgimento do símbolo e, concomitante a ele, o surgimento das leis que o regulam e que indicam as possibilidades e impossibilidades de sua escrita. É neste sentido que Lacan ressalta que “[...] a ordem simbólica como distinta do real entra no real como uma relha de arado, nele introduzindo uma dimensão original” (Lacan, op. cit., p. 243). Dimensão que origina tanto a experiência da linguagem como aquilo que nela aparece como zona de sombra, de não-realizado, posto que não entra na ordem do que pode ser tomado como ôntico.

Essa dimensão original não deixa de incluir o que Lacan pontua como *caput mortuum*. É do encontro da ordem significante com o que não pode ser nela apreendido totalmente que advém o que se pode nomear como significante impossível ou algo não-realizado.

A repetição nos convoca a interrogar o estatuto do que se apresenta por meio da estrutura organizada por leis, mas, ao mesmo tempo, não captada por elas. Qual estatuto disso que insistentemente retorna dando notícias do que resta desta operação? Conforme nosso primeiro capítulo, podemos aproximar o que Freud situa como núcleo patogênico, ao qual aproximamos também os nomes do trauma e do sexual, com isso que se inscreve na cadeia associativa de forma paradoxal. Importante situar também a constituição tanto da série possível como daquilo que se presentifica nela como seu avesso, seu resto de forma concomitante – o que embarga a hipótese do inconsciente como baú de instintos primais.

Aproximamos o inconsciente disso que desponta como resto, como sombra, sobra do que a cadeia associativa não comporta. Assim, a série possível se aproxima da cadeia associativa freudiana, aquela em que há uma linearidade causal clara a ser inferida para cada acontecimento, por exemplo. Entretanto, se o analista intervém, como aconselha Freud ao indicar que apenas em relação ao núcleo patogênico haveria mudança no sintoma³⁰, justamente levando em conta o que aparece como paradoxal, é preciso visar o que assombra a série. É em direção a isso que vamos, acompanhados pelo conceito de repetição.

Pois não pretendemos, com nossos α , β , χ e δ , extrair do real mais do que supusemos em seu dado, isto é, aqui, nada, porém apenas demonstrar que eles lhe trazem uma sintaxe unicamente para, desse real, já fazer acaso. Com isso adiantamos que não é de outro lugar que provêm os efeitos de repetição a que

³⁰ E, acrescentamos, no quadro clínico.

Freud chama automatismo. Mas nossos α , β , χ e δ *não são* sem que um sujeito se lembre deles, objetam-nos. – É exatamente isso que está em questão sob nossa pena: mais do que nada do real, que nos creiamos no dever de supor nele, é justamente *daquilo que não era* que provém o que se repete. (Lacan, 1998, p. 48 – grifos do original)

3.9

O real como ruptura

A fim colocar nosso foco no que assombra a série, vamos nos deter no registro do real, que encarna justamente aquilo que o simbólico não poderá abarcar de forma plena, mas com o qual tece uma articulação, como veremos adiante.

Lacan indica duas fórmulas para o real. Há tanto a indicação do real como impossível (Cf., por exemplo, Lacan, 2005, p. 90; Id., 1965/1966, lição de 5 de janeiro de 1966), o que vem rompendo com o pré-estabelecido, o que foge, a pura dispersão. E Lacan, no *Seminário 11* indica, a primeira vista, algo que se oporia a isso: o real é aquilo que retorna sempre no mesmo lugar.³¹

Um pensamento adequado enquanto pensamento, no nível em que estamos, evita sempre – ainda que para se reencontrar em tudo – a mesma coisa. O real é aqui o que retorna sempre ao mesmo lugar [...]. (Lacan, 1985b, p. 52)

Estas definições parecem contraditórias e retomam o paradoxo que estamos tentando desenhar desde o começo – qual lugar para o acaso frente a determinação da estrutura? Estamos na tentativa de fazê-las coexistir para demonstrar que na experiência da análise as determinações não precisam escravizar o sujeito, tampouco tudo o que lhe ocorra como potencialmente traumático necessariamente resultará em trauma. Assim ganharemos independência da concepção de análise segundo a qual filho de peixe, peixinho é, por exemplo. E conquistaremos um distanciamento útil das noções segundo as quais um acontecimento reconhecidamente traumático pela cultura arrolará uma série de vítimas que padeçam de seus efeitos da mesma forma – é o que veiculam os que crêem em

³¹ De fato, Lacan já sustentava essa tese desde o início de seu ensino: “O sentido que o homem sempre deu ao real é o seguinte – é algo que se reencontra no mesmo lugar, quer não tenha estado aí, quer tenha estado. Talvez este real se tenha movido, mas neste caso, a gente o procura em outro lugar, procura por que ele foi demovido, a gente também pensa que, por vezes, ele possa ter movido seu próprio movimento. Mas ele está sempre justo em seu lugar, quer estejamos lá, quer não estejamos lá.” (Lacan, 1985a, p. 370)

tratamentos do mesmo tipo para quadros pós-traumáticos. Seguimos, portanto, tentando salvaguardar um lugar para que um filho reconheça as marcas paternas, mas delas possa se apropriar de forma singular, assim como para que alguém possa reagir de acordo com os nomes de seu percurso significante para seu trauma que não apenas do lugar de vítima.

O encontro com o real só poderá se dar como experiência de ruptura, pois o sujeito encontra-se diante do que não cabe em um lugar na cadeia, mas que aponta para um sem sentido que restou do cruzamento do mais aleatório com a estrutura. Assim, isso o divide, já que o que aí se apresenta é o que coloca a própria cadeia associativa em suspensão. O sujeito, então, se depara com algo paradoxal a partir do que a própria idéia de um eu fenece. Tal experiência do que se constitui e constituiu o próprio sujeito como traço na cadeia, portanto, não remete a um fundo de uma totalidade original.

É este o modo de apreensão por excelência que comanda o novo deciframento que demos das relações do sujeito com o que faz sua condição. (Lacan, 1998, p. 56)

De um lado, há um tipo de encontro com o que se apresenta como possível na cadeia, do que é possível reter como lembrança posto que está disponível na cadeia associativa e não deixa de produzir efeitos em uma análise. E, de outro, o encontro com uma presença paradoxal, que se apresenta na cadeia, mas que se choca ao já estabelecido. Sua presença pode remodelar a cadeia justamente por veicular uma causalidade outra que não a consciente e que dá lugar ao sujeito e seu desejo, como vimos no caso de Emma anteriormente. Narrando as duas cenas, ela pôde se deparar com o sem sentido que habita a cadeia – no caso, o sexual que decorre do beliscão do proprietário da loja ao qual ela responde tanto voltando à própria, quanto com seu sintoma de fobia a entrar em lojas, o que demonstra o sem sentido que também a habita.

O que não pode se apresentar só tem consistência como avesso daquilo que se coloca na cadeia. A cada vez que se encontra o mesmo significante, a cada vez que a repetição aparece como sempre a mesma, ao lado dela há um viés da repetição como sempre diferente, posto que o que garante que se tome dois fenômenos como iguais é o significante que os nomeia. E o que está em questão neste outro aspecto da repetição, o que está para além da insistência dos

significantes, é justamente o que não entra na cadeia significativa (Fink, 1997, p. 239).

O real é então repetição, ele não é ruptura da cadeia, mas aquilo que na própria cadeia apresenta-se como o que escapa dela. Algo disso pode eventualmente se materializar, fazendo efração na montagem significativa³².

Mas, presença assim como ausência conotam ausência ou presença possíveis. Logo que o próprio sujeito chega ao ser, ele o deve a um certo não-ser sobre o qual ele ergue seu ser. E se ele não é, se ele não é algo, é que ele testemunha, evidentemente de alguma ausência, mas ele permanecerá sempre devedor desta ausência, quero dizer que ele terá de dar prova disto, na falta de dar prova da presença. (Lacan, 1985b, p. 242)

Nesse sentido, é preciso atentar para o que desse lado mais avesso entra na narrativa dos acontecimentos. A cada ocorrência das combinações previstas, uma outra montagem vai se decalcando em negativo àquela³³. Essa é a idéia do sonho, do ato falho, a idéia de um achado³⁴.

Também no *Seminário 11*, como já assinalamos, Lacan situa esse encontro com o que está para além e para aquém da cadeia significativa. Trata-se de um encontro que não desvela simplesmente uma memória, um segredo guardado, mas que aponta ao que se produz no mesmo momento em que é desvelado; trata-se de um re-achado. Como veremos no próximo capítulo, situa-se uma espécie de volta em torno de um mesmo nó, sempre re-achado para ser novamente perdido na

³² Podemos aqui recorrer ao *Seminário 2*, em que Lacan explicita a idéia a partir do sonho de Irma, assim como da “descoberta puramente suposta, reconstruída, da cena primitiva” (Lacan, 1985a, p. 222) do homem dos lobos, em que haveria um encontro para além e para aquém das determinações puramente simbólicas, o que estamos chamando de efeito de efração na montagem significativa. “Há aí como que uma revelação única e decisiva do sujeito, onde se concentra um não sei quê de indizível, onde o sujeito, por um instante, está perdido, estilhaçado.” (Ibid., p. 223). Ele situa esse encontro no plano imaginário como sendo “[...] a própria imagem da deslocação, do rasgamento essencial do sujeito. O sujeito passa para além desta vidraça onde sempre vê, amalgamada, sua própria imagem. É a cessação de qualquer interposição entre o sujeito e o mundo. Tem-se a impressão de que há passagem para uma espécie de a-lógica, e é justamente aí que começa o problema, pois vemos que não estamos aí não.” (Ibid., p. 223-224).

³³ Também nesse sentido, podemos atentar à seguinte passagem dos *Escritos*: “Pois o significativo é unidade por ser único, não sendo, por natureza, senão símbolo de uma ausência. E é por isso que não podemos dizer da carta/letra roubada que, à semelhança de outros objetos, ela deva estar *ou* não estar em algum lugar, mas sim que, diferentemente deles, ela estará *e* não estará onde estiver, onde quer que vá.” (Lacan, 1998, p. 27 – grifos do original)

³⁴ Na conferência “O simbólico, o imaginário e o real”, de 1953, Lacan nos remete a uma noção similar com respeito aos sintomas: “afinal de contas, a noção que temos do neurótico é que em seus próprios sintomas jaz uma fala amordaçada, em que se exprime um certo número, digamos, de transgressões a determinada ordem, que, por si próprias, anunciam a ordem negativa na qual se inscreveram.” (Lacan, 2005, p. 27-28). Não se trataria de liberar o sujeito da tal “fala amordaçada”, mas reler esta expressão a luz da continuação da própria frase. Nela Lacan indica a inscrição desta ordem negativa, que estamos chamando de avessa, da qual o sujeito traz a marca.

dimensão da repetição. Ao mesmo tempo, esse encontro, sempre fugidio, sempre contando com uma temporalidade de pulsação que se abre e se fecha, é também momento em que resta uma perda.

Se essa outra montagem parasita a primeira, não se pode dizer que suas existências sejam equivalentes, a ponto de Lacan chamar esta outra montagem, como vimos, de *caput mortuum*³⁵.

O real, portanto, não é algo fora da cadeia, mas se inscreve nela como seu avesso. Não lhe convêm leis próprias; suas aparições são, portanto, coordenadas pelas regras da escrita da vida do sujeito.

Podemos dizer então que a conjunção da estrutura com o real, como na articulação da série dos “+” e “-”, produz uma montagem, uma sintaxe de acordo com a qual o aparecimento do real introduz-se em lugares determinados, e não em qualquer um. Tal montagem não deixa de responder pelo que engendra a repetição.

Podemos ter em paralelo os esquema dos “+” e “-” e a realidade. O que se decalca da articulação e que cria a junção entre estrutura e real aparece de forma mais indefinida e nebulosa; dali provém as formações do inconsciente, que contém mais real que a realidade.

O homem se acha metido, seu ser todo, na procissão dos números, num primitivo simbolismo que se distingue das representações imaginárias. É no meio disto que algo do homem tem de fazer-se reconhecer. Mas o que tem de fazer-se reconhecer não está expresso, nos ensina Freud, porém recalçado. O que numa máquina não advém a tempo, cai simplesmente e não reivindica nada. Não é a mesma coisa no homem, a escansão está viva e o que não adveio a tempo permanece suspenso. É disto que se trata no recalque. Decerto, algo que não é expresso não existe. Mas o recalçado está sempre aí, insistindo e pedindo para ser. A relação fundamental do homem com esta ordem simbólica é muito exatamente aquela que fundamenta a própria ordem simbólica – a relação de ser com ser. (Lacan, 1985a, p. 383-384)

O valor clínico que esse esquema nos traz é tanto o de pontuar, a partir do caso a caso, uma espécie de matriz para cada sujeito de onde se decalcam esses pontos mais próximos ao que surge como não realizado. E o que o não aparece

³⁵ Como veremos no próximo capítulo, no *Seminário 11* essa dimensão ganhará uma face objetual, encarnada. Trata-se da conceituação do objeto *a*.

como rememorado e que se situa mais próximo a essa zona nebulosa só poderá ser construído³⁶.

No próximo capítulo, intentaremos abordar o que se coloca como impossível de representação através do símbolo pela estrutura. Para tanto, utilizaremos algumas encarnações paradoxais deste impossível, tais como dois sonhos, o da injeção de Irma e aquele conhecido como “Pai, não vêes que estou queimando”, assim como os comentários de Lacan acerca de *das Ding* e sua conceituação do objeto *a*.

³⁶ De fato, como já vimos, Freud, em “Recordar, repetir e elaborar” situa dois tipos de lembrança que vem a tona no tratamento e que carregam uma diferença paradoxal que nos remete a esta a qual aqui nos detemos. Sem tomá-las como uma oposição, ele fala de uma lembrança cuja retomada para o paciente o faz ter a sensação de que nunca poderia ter esquecido tal fato, ele esteve sempre presente. O modo como Freud recolhe essa evidência da boca dos pacientes é exemplificada pela frase: “Em verdade, sempre o soube; apenas nunca pensei nisso” (Freud, 1914/1996, p. 164). Já para outro tipo de fenômenos que podem ocorrer em uma análise, e que Freud relaciona a outros grupos de processos psíquicos, tais como “fantasias, processos de referência, impulsos emocionais, vinculações de pensamento” (Loc. cit.), ele indica que estas não poderiam ter sido de fato lembradas porque tais lembranças nunca, de fato, ocorreram.